



(OS INSTANTES
DA CIDADE)

*André Soltau
Marcelo Juchem
(Org.)*



(OS INSTANTES DA CIDADE)



Traços
& Capturas



(OS INSTANTES DA CIDADE)

Textos de:

Everson Bertucci, Gabriel Caponera, Eniara Mocellin
Luiz Ferreira, Márcia Reis Felipe, Maria Luiza Scolari
Bruno O. S. da Silva, Mariana Ferret e Sabrina Gesser.

Fotografias de:

Ana Carolina de Andrade Assumpção, Gertrudes Siebeneichler,
Lauanda Aracy Goulart, Sabrina Gesser e Valdir Campolino Costa Neto

Organização de:

André Soltau e Marcelo Juchem.

Os instantes da cidade

2023

Organização: André Soltau e Marcelo Juchem.

Apresentação e revisão: André Soltau.

Foto de capa e diagramação: Marcelo Juchem.

S691i	Soltau, André
	Os instantes da cidade / André Soltau e Marcelo Juchem (orgs) -- Itajaí : Traços & Capturas, 2023.
	80 p. : il. color.; PDF; 380 kbs
	Livro eletrônico
	Requisito do sistema: Adobe Digital Editions
	Modo de acesso:
	https://pt.calameo.co/accounts/6677605
	ISBN: 978-65-87450-28-5
	1. Literatura - crônicas. 2. Arte nos bairros -- Itajaí/SC. 3. Juchem, Marcelo. I. Título. II. Assunto
	CDD B869.93 CDU: 869.0(816)-94

Catálogo: Édina Maria Calegari – CRB 14/1610



A CIDADE, AS PALAVRAS E NÓS

Quando a literatura é indissociável da experiência urbana a cidade passa a ser a personagem e não o cenário. A literatura que nasce entrelaçada com as ruas e seus personagens nos permite entendermos melhor sobre essa realidade social.

O programa **Arte nos Bairros** possibilitou esse encontro de pessoas que produzem o texto com a palavra e outros que o fazem pela imagem. Foi um encontro poético que trouxe a narrativa textual e imagética. Penetramos na cidade, quer pelas paisagens, quer pelo modo de fala, e o encontro foi belíssimo.

O resultado está aqui em textos breves que contam um pouco de nossa trajetória em duas oficinas oferecidas no ano de 2021 com apoio da Fundação Cultural de Itajaí: “Da Literatura para a Escrita ou vice-versa” com o prof. André Soltau, e “Nossa casa é engraçada? Como ver e fotografar nossos espaços” com o prof. Marcelo Juchem.

A QUEM ACEITAR O CONVITE À LEITURA, ALGUNS AVISOS PRÉVIOS:

Podemos notar, entre as pessoas que deixam seus traços no livro, semelhanças de quem captura a efemeridade e o transitório das ruas sem perder o prumo.

Os textos foram acontecendo durante os encontros semanais. Relidos e reescritos, foram encontrando outros caminhos e ajeitando aqui, acolá. Não espere um texto finalizado, mas em processo.

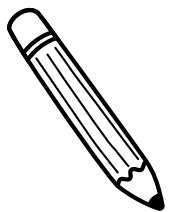
Já as imagens fotográficas foram produzidas pelos alunos da oficina de fotografia em livres inspirações a partir de cada texto, em diferentes tentativas individuais seguidas de discussões coletivas.

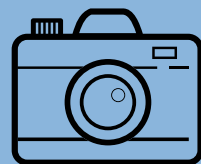
Parabéns a todos os autores e autoras!

Leia os textos e as imagens com a alegria de quem está diante do processo. Ousamos aqui expor o caminho com suas falhas e possíveis brechas.

Bons voos.

André Soltau e Marcelo Juchem
(organizadores).





SUMÁRIO

A angústia

But I want to be sure

Dia de água

ESTUDO PARA “Passo Longo e Memória”

Liberdade atrás das grades

Fecha a Matraca

O encontro

Por dentro dos Contos Oníricos

Prato do dia





Fotografia de Ana Carolina de Andrade Assumpção
para o conto "A angústia"

A angústia

Everson Bertucci

Pensou que acordar balzaquiana seria algo terrível. Tinha razão. Decidiu passar a noite no cinema. Três filmes. Um após o outro, quase sem interrupção. Pelo menos enquanto os longas passavam, não sentia nada. Suas primeiras horas com a nova idade foram comuns.

Nada de novo. Inclusive o fato de ter que avisar alguns amigos que era seu aniversário e que tinham que fazer aquelas velhas cerimônias de abraço-beijo-parabéns! Filmes bons. Companhias, idem.

Fim da maratona. Um café. Risos. Abraços. Despedida. Do lado de fora do cinema, pelo vidro, o sinal da chuva no asfalto. Uma leve garoa. Decide ir para casa caminhando, para refletir, processar os filmes. Apesar de ter passado a noite em claro, ainda havia muita energia e excitação.

Entra por uma rua, por outra... a chuva começa a engrossar. Até pensa “poxa, Deus, hoje é meu aniversário!”. Ele devia ter mais o que fazer. Não cessa. Pensamentos.

Logo percebe a presença de alguém se aproximando. Fica com receio, mas continua. A chuva para. É do sexo feminino, atraente, misteriosa. Está do outro lado da rua e observa. Não se encaram.

A chuva impede que a manhã se aproxime. Mesmo chovendo, a cidade movimenta-se. Mendigos nas calçadas. Transeuntes. Buzinas. E, aos poucos, todo aquele clima a domina. Várias imagens vêm à tona. Adolescência. Ganhos e perdas. Erros e acertos. O choro é inevitável. Do outro lado, a outra a segue.

A vantagem de chorar na chuva é a impossível distinção entre o que é lágrima e o que é água. Misturam-se. Mas a outra parece distinguir.

Sempre procura um motivo para chorar. Não tem o hábito, mas gosta. Na ocasião, era pela partida de uma amiga, para longe. As lembranças do passado, as vivências, descobertas.

Tudo poderia ser apenas um pretexto para o início do choro, para a reflexão. No momento é doloroso, mas a sensação posterior de alívio e leveza reconforta.

A presença da outra que a segue é incômoda. Não há medo, pois existe uma familiaridade ali, embora indecifrável. Já perto de sua casa o choro passa. A outra faz um aceno e segue por outra rua. Desaparece.

O casaco já estava todo molhado, mas pela espessura não atingiu sua pele. Muito frio. Chega em casa, entra, se seca adequadamente e vai para debaixo dos cobertores.

As gotas fortes no telhado prenunciam a chuva que jamais cessará.



Fotografia de Valdir Campolino Costa Neto
para o conto "But I want to be sure"

But I want to be sure

Gabriel Caponera

Janelas quadradas de madeira e vidro divididas em quatro quadrantes em casas solenes. Janelas de alumínio preto de correr em escritórios. Janela panorâmica em que a paisagem faz parte da decoração.

São Judas, segundo andar numa rua esquina com a Indaial. Sexta, querendo escurecer. O trânsito muda significativamente, ganha outras luzes. Outra janela nos entrega para a visão do claro e lentamente somos convidados a ir até o subúrbio de Leeds: telhados de casas e chaminés de um bairro operário. Um despertador fumeja e acorda dona de casa que dormiu de bobes no cabelo. É típico dos britânicos criarem invenções que simplesmente façam chá na hora exata. O vapor sobe em movimentos anelados. Ainda no escuro do quarto, coloca os pés para fora e calça suas pantufas rosa.

No andar de baixo: vemos da vista da porta sair o aspirador. Freddiana, a filha mais velha, entra com dois passos ensaiados pela sala fazendo o movimento de vai-e-vem com aspirador e lança um sorriso. Enquanto sua mãe Brianna desce as escadas ainda de bobes no cabelo. Já sabe de coração, o que vem a seguir. Por isso, está usando um, sobretudo rosa-lavanda, sobre o tom branco do top, em conjunto com um short no mesmo rosa. Freddiana pisca e diz pela segunda vez: I want to break free.

Ela está se olhando no espelho, segurando o celular na mão, procurando um ângulo em que se sinta uma baita gostosona que sou. A cabeça e os cabelos pintados fora do enquadramento. O gato tá estranho. Totoro? Ela se vira e o felino está se transformando besta em movimentos constritos. Até o ruído gutural: - Eca! Apoiar-se sobre a coxa, abaixada: a coluna fazendo um “c”, e acarinha o gato devagar. Acho que vou abri aquele pacote de cheetos e tomar um gole de coquinho gelada. Levanta-se pega o notebook. A imagem agora pertence à internet.

Procura no Google: filmes para assistir. Filmes de animação para assistir. Os divertidamente, tudo confuso. Tenho filme baixado, né. Falta só assistir. E se eu não assistir nada. God knows. Ela abre o primeiro filme. Pausa. Alt+tab. Chrome. Baixa do primeiro site. Coloca no vídeo. A legenda não sincroniza. Encontra outra. Assisti. Tá em português de Portugal. No mesmo site, agora com o cursor sobre a legenda que diz: pt-br. Começa a assistir o filme pela quiçá quarta vez.

Pega uma pequena porção de cheetos e coloca na boca, como os cupidos faziam em quadros da antiguidade, ela ergue a cabeça um pouco mais, para que o farelo a beije suavemente, como um dos milhares de quadros que viu no celular. Segura o copo pela base imaginando ser uma taça e toma em pequenas doses, esperando uma asfixia com o gás carbônico. O celular vibra. Sem nenhuma notificação. Uma mensagem. “Cola aqui! Tem um cara querendo te dar um gatinho!” Ela dá pause no filme. Desce as escadas e ganha a rua.

Ela cola no point. Os meninos conversam sobre amor. Estão num entrave sobre um encontro. “O signo dele não bate. Aquariano, ser amoroso (?)” “Não viaja, pelo ascendente dele e a lua, você tá em casa.” Esse era o tipo de conversa entre eles. Quando Maria chegou as coisas não mudaram muito. Cumprimentou C. que estava terminando um corte, pensando na próxima tirada. E foi conversar com J. “Vai sair com o gnomo hoje?” “Tava começando a assistir filme, né nego.” “Pô, hoje vou comer pizza.” “Com uma coca, nada bate.” “Só preciso sair com o fusqueta daqui e ir comprar.” Ato-contínuo. “Tá, o gnomo vai te visitar hoje?” A conversa paralela parece estar um pouco mais. “Ele tem trinta anos, é advogado. Homem sério.” “Pô, então não é furada.” “Sim, a gente até conversa por vídeo, ele fala que quer, e eu também quero.” “Pô, aí é maneiro, tá rolando a química” “Química? Nem me fale o rosto tá impecável, parece a bunda de anjo.” “Ocitocina, a droga do amor.” Comenta alguém. As conversas se misturam. “Você não acha amor, uma coisa triste?” “É triste quem não sente.” “Triste sim, porque é dolorido.” “Mas nada como amor-próprio.” “Aí, com certeza é feliz.” O cupido ronda a cabeça dos jovens em conversa. “Coisa alguma, amor é uma balela. Já ouviu falar em amor líquido?” “Cês já tão bebendo!?” “Pô, também não é assim, a cada decepção, vai sobrando algo bem sólido” “Solidão aqui não!” “Amor louco, é tudo que nos resta.” “Se sobrou algo então é amor louco!” “Só tem pierrô aqui, cruzes!” “Assim pega mal, pombas!” “Faz o seguinte, pega esse troco aqui e vai lá comprar umas biritz.” A conversa continua noite adentro.

Ela volta pra casa mais tarde. Abre o celular. E existem janelas, entradas de som, luz e ar. Janelas que abrem o espaço no concreto e no abstrato. Janelas de tempos interrompidos. Janelas que são por si a moldura de um retrato. Ali está Freddiana, lá Totoro. Olhos atentos na notificação. Ela dá play. O gato pula no infinito e pousa no infinito. Notificação: <3.



Fotografia de Sabrina Gesser
para o conto "Dia de água"

Dia de água

Eniara Mocellin

Dia aquoso, no céu, nos olhos, e chão. Dirigia no horário dos insensatos. Carros transformam-se em armas, frustrações na flor da alma, repentinas. O outro era culpado, seja lá de que inferno for um sinal de transito não dado, manobra malfeita, da vida sem sentido. Todos querem vantagens, no transito, na vida, não importa como, correndo riscos, matando talvez. Não basta a aparência da potência, precisa se travestir no poder ilusório que dela emana. Ilusões momentâneas.

Esperancia, irritada, chorava sem saber o porquê. Seria o trânsito, pela fraqueza, opressão da liberdade ou pelos barulhos da cidade, pelo tempo perdido ali?

Oscar descarregaria os problemas da casa, do país, da ONU, do futuro incerto sem parar assim que pisasse em casa. O vidro embaçado do carro parecia melecoso colando naquele retângulo semi difuso onde tentava enxergar o que não via. A vida estava em decadência, ela, o carro... *A Amargurada Desesperada do Gol bolinha*, até título para a história teve tempo de pensar. Quem sabe rir não ajudasse.

O fato é que o dia até agora fora dantesco, daqueles onde tudo parece afundar mais e mais. Via-se presa dentro de um quadrinho de histórias, em que a personagem anda com uma nuvem, não de texto, parecida com nuvens negras, seguindo-a por toda a parte. Tudo girava em um redemoinho que não saía do lugar. Sempre igual. Cada vez mais centrada em miudezas e sua vidinha repetitiva.

Naquele dia, algo diferente aconteceu. Parecia estar entrando num mundo surreal. O tempo transmutou-se, ficou etéreo, passou a andar lento, arrastado, em câmera lenta. Os sentidos aguçaram-se. Concentrou-se no céu e nas gotas que caíam olhando para cima numa ânsia de fuga, de voo. Seguiu o trajeto mutável ao sabor dos ventos das gotas.

A chuva acumulava correndo pelas sarjetas, levando barquinhos de lixo escorridos pelas ruas. A água desenhando poças claras de contornos irregulares no asfalto depressivo e malfeito; as gotas fortes e pesadas formavam, ao cair no escuro, betume e novas gotas que morriam logo ao lado.

Pareciam abarcar o mundo, anunciando um novo dilúvio que lavaria as almas e os pensamentos de desespero dos crentes. No reflexo destas poças espelhadas, uma imagem começou a se delinear. No início não conseguia identificar direito, não pelo crédito, mas pelo absurdo.

Pés. Só quatro pés. Faziam força, muita força. Dois pés menores e dois pés maiores. Descalços. Todos os músculos retesados, tendões explodindo, unindo carne a osso. O apoio era só na parte frontal dos dedos desnudos que tentavam se agarrara o asfalto em desespero, na tentativa de se impulsionar adiante. Chapinhavam as águas rompendo as poças feitas cascos desprotegidos, abrindo sulcos na água. A névoa se formava baixa no asfalto anunciava que era chuva de verão. A frente aproximava-se vagarosamente do veículo, um carro de sucatas, cheio de papelões semi-molhados, encharcados. Na realidade, pesando o dobro, triplo do seu peso. Baldes de tinta, sacos de lixo cheio de latas, garrafas de detergente amarradas e um cachorro magro de arrasto, unido àquele mostro disforme por uma pequena sogá.

Cada gota de água era como se fosse um prego a mais no calvário, o peso aumentava. Aumentava o sofrer dos que tentavam mover o conjunto muito morosamente. As águas das ruas se misturavam com suor, lágrimas de dor e gotas do céu.

Eram dois humanos, mulher e o homem, tal como Adão e Eva descendo ao purgatório direto sem conhecerem o paraíso. Ela não conseguia desviar o olhar. A imagem da força, primeiro dos pés, depois dos músculos da patela, dos corpos em esforço supremo marcou a alma como um rasgo.

À noite, Esperandia não conseguia dormir, seus problemas tinham ficado de lado, esquecidos. Encontravam nos sonhos aqueles olhares fundos, aqueles corpos com histórias da vida. Nos próximos dias e nos seguintes e seguintes, o olhar vagueava tal como um naufrago a procura de um farol em mares desconhecidos. Onde estavam e o que faziam com sua história, como podia pensar em seus problemas quando existissem no mundo seres humanos vivendo como animais, comendo lixo, vivendo a bestialidade das ruas com noites regadas a álcool? Procurava a luz. Muitas Marias e Joãos foram surgindo pelas esquinas, marquises e sinais nas ruas. Ela já sabia seus horários, trajetos, hábitos, cachorros companheiros, tetos de descanso, locais de rodas de cachaça. Agora seus problemas eram pequenos, resgatara sua humanidade vendo desumanidade. Seus pensamentos vagavam agora no mundo real, de fome, frio, dor e suor. Sobrevivência, Só.

Nunca mais os achou.



Fotografia de Sabrina Gesser
para o conto "ESTUDO PARA 'Passo Longo e Memória' "

ESTUDO PARA “Passo Longo e Memória”

Luiz Ferreira

Advertência

Essa história se inicia com exercícios de escrita criativa da oficina de André Soltau virtualmente realizadas a partir de Itajaí, Santa Catarina, dado o quadro de pandemia ainda reinante em julho de 2021. Ao descrever um personagem, encontrei o “Sr. Don”, uma quase pessoa, de um quase tempo e lugar. Depois alcancei dentro de casa o cenário como mundo das coisas estáticas e miúdas em “Oratório”, onde se faz atmosfera espiritual. O tema em torno de “Passo Longo” surge na conjunção desta com duas outras oficinas: “Ocultismo, delírio, cosmos”, com IK; e “Caminhando e escrevendo – literatura pela cidade”, conduzido por MC.

Há links de acesso ao Blog deste conto. O personagem roga, para sua sobrevivência no mundo das materialidades, que o leitor pratique o estilo Passo Longo de caminhada e registre no campo específico do blog o seu comentário, através da reescrita do estilo a partir da experiência de cada um. Já para o conforto existencial, pede contribuições à playlist na página que coleta sugestões de músicas para serem ouvidas na leitura e na caminhada.

Passo Longo e Memória

Apesar de na cidade nossa atenção ficar dividida com os cuidados em atravessar vias, obras, obstáculos, sigo investigando formas de ganhar a rua. Essa busca é ora prática e vivencial, ora teórica e contemplativa. Nas duas formas sou embalado pela convicção segundo a qual poderia sair caminhando sem parar por longas distâncias. Há algum tempo exercitei essa crença através da técnica do “Passo Longo”. Ela foi inspirada no andar elegante e inusitado de um morador de rua.

Passo Longo era morador de rua em Balneário Camboriú. Há quem desconfie de que transitava em Itajaí com o nome de Papa Nuvem. Não há qualquer registro de sua passagem a não ser o espanto dos que o viram caminhar algum dia. Conhecido pelo corpo alto e magro; andar altivo, de estilo próprio e determinado.

Procurei no Google e não encontrei: Passo Longo precedeu a era digital e inexistiu no mundo dos bites e bytes. Certamente não pertence mais a este plano e sequer lápide com foto para ajudar a descrevê-lo conseguiria encontrar. Mesmo não tendo boa memória, lembrei-me de seu semblante moreno, talvez com bigode e barbicha, magro, alto e altivo, sempre caminhando para lugar desconhecido.

Na época em que o conheci e nas vezes que o encontrei na rua me causava desconcerto e temor, mantinha sorriso constante e ao mesmo tempo resmungava. Quem me chamou atenção para essa figura pela primeira vez foi o Edson, e devemos reputar a importância do personagem em minha vida a certo chamamento irônico e jocoso desse meu amigo. Mas, vamos ser sinceros, depois de tantos anos Passo Longo ressurgiu no torvelinho simbólico provocado pelo entrecruzamento de pandemia e três oficinas literárias.

Frente ao impasse de seu iminente sumiço, tive a ideia de colocá-lo frente a frente com memória, responsável pela eleição do que vale a pena registrar para a posteridade. Fiquei em dúvida se alguma linguagem alcançaria esse feito. E à medida que eu postergava o desafio e desacreditava, escutava a última playlist musical no Youtube e pensava em registrá-la enquanto escrevia, com ritmo colado ao texto. Percebi também como a simultaneidade de leituras que conduzia estava contemplada nas camadas da escrita acerca do método.

Vamos então entrevistar Passo Longo para ver se encontramos nesse conto alguma possibilidade para sua ressurgência, uma espécie de reiteração errante:

Entrevista com o personagem:

O que você quer?

Retornar ao mundo através da memória do meu narrador. O que ou quem impede isso?

O narrador vive no presente e tem dificuldade de ser fidedigno com minha história. O que te frustra?

O esquecimento do mundo. Talvez umas poucas palavras de meu narrador sejam a última esperança de registro de meus passos pelo mundo.

Como você lida com isso?

A paciência eterna é o que me resta, já que resido agora num universo simbólico a espera de materialização.

Qual sua maior força?

Minha altivez, meu estilo de caminhada e minha determinação de parecer estar sempre indo para algum lugar.

O que você precisa descobrir?

Como um morto pode voltar ao mundo?

Por que você acha que isso está acontecendo?

Recentemente as redes digitais iniciaram o movimento de borrar os limites entre realidade e ficção, vida e morte.

Por que está acontecendo com você?

Faço parte de um universo de quase existência, pois habito na rede neural de meu narrador. Mas minhas possibilidades são tênues dada a guerra informacional, a disputa das vontades, e as mutações do filtro de vozes.

Você acha que isso acontece com outras pessoas?

O universo simbólico dos extintos é o da quietude, imensa maioria das coisas que partem desse mundo.

O que te causa mais problemas?

A espera e o silêncio. Também a pouca urgência de meu narrador em jogar o jogo de trazer mais vozes ao mundo.

Você tem medo de não conseguir o que quer?

Sim. Meu resgate da eternidade está sujeito a um calendário, que é o da vida de meu narrador. Cada aniversário é um lembrete de contagem regressiva. Até o último suspiro.

Então o que você quer realmente?

Não é o beber, nem talvez a minha vida de morador de rua. São as minhas passadas, meus passos longos que gostaria fossem simbolicamente retratados, para que também alcem o risco de vestirem alguém em sua caminhada pelo mundo.

Como você vai resolver esse dilema?

Só me resta a espera e que a reiteração na memória de meu narrador ganhe força para aquecer seu pé.

O que vai acontecer?

A espera passiva me levará a extinção.

O que você fará para sair dessa confusão?

Vou transmutar meu registro de memória em incômodo emocional. Não em culpa, porque meu narrador não gosta de trabalhar com ela.

Qual a causa disso tudo, afinal?

Provavelmente o buraco de consciência infeliz.

O que você quer que aconteça nos próximos 10 minutos?

O mesmo que aguardo há muitas horas, dias e meses: quero voltar a dar meus passos longos pelo centro e pelos bairros da cidade.

Quem mais, ou o que mais, está na sua cabeça?

A ironia e o sarcasmo do Edson acerca do meu jeito de viver. Sei também que há muitos moradores de rua agora em minha cidade.

Do que você tem medo agora?

De que não seja mais tão bem recebido por curiosos. Nem que admirem meu estilo de movimento. Pedestres parecem estar em baixa e tudo parece mais motorizado.

Qual seu motivo para fazer isso?

O mundo precisa de meu estilo de “passo longo”, e reinstalar uma escola de caminhada.

O que ele ou ela quer de você?

Respirar o mundo.

O que você quer que ele ou ela queira de você?

Vestir-se de caminhante.

O que você acha que ele ou ela vai querer de você amanhã cedo?

Disposição para caminhar para sempre.

Você tem medo de não conseguir o que quer?

Sim, pelas barreiras poderei conquistar o simbólico, mas não escorrer da letra para o mundo.

O que você acha que vai levar disso?

Não levarei, mas serei uma joia no coração das pessoas.

Então o que você quer realmente?

Juntos, andar a passos longos outra vez.

...

PS – Estou no limiar de meu desaparecimento, e não acho justo que duas ou três criaturas no mundo sejam as únicas possibilidades de ser lembrado mais tempo, um delas um escritor feliz!

Memória----- [impassível, em sua condição de Deusa menor, cujos atributos permitem a extensão seletiva da lembrança numa escala temporal bastante limitada].

PS - [Espernear etéreo de Passo Longo].

...

PS – Eu tenho minha contribuição significativa a dar: o meu sistema de caminhar. Corporalidades e materialidades perduram como escovar os dentes. Guardem pelo amor de Deus, e reescrevam e detalhem e aperfeiçoem o meu método, última possibilidade de sobrevivência nesse mundo, como artefato para impulso. Eis minha primeira descrição do Estilo de caminhada Passo Longo:

1. Cada passo a maior abertura possível da perna;
2. Calcanhar toca o chão e na sequência as demais partes da planta dos pés, sentindo- os;
3. O movimento dos braços vai até a altura dos ombros quando postados para frente. Percebe-se certo movimento de alavanca com o efeito pendular;
4. Agora o ponto sutil que traz a leveza e empoderamento/abertura para uma respiração plena: projetar levemente para trás os ombros, através de pequena elevação do queixo que assim também conduz o olhar;
5. O movimento projetará levemente a parte superior do corpo para trás, transmitindo a sensação de diminuição da pressão sobre a planta dos pés, como a de uma caminhada em direção ao céu. As pernas vão antes do corpo nesse movimento.

...

Memória – [Silêncio].

PS - Oh, meu Deus! Sou apenas um dado mnemônico na cabeça um escritor e no universo das sensibilidades literárias!



Fotografia de Ana Carolina de Andrade Assumpção
para o conto "Liberdade atrás das grades"

Liberdade atrás das grades

Márcia Reis Felipe

Emely gostava de grades. Tinham sabor de saudade. Lembravam sua terra, onde as casas mais bonitas possuíam janelas gradeadas. Em pequenos quadrados, retângulos, losangos, tralhadas em forma de flores, não importava. Gostava de todas. Na época da ditadura, era proibido gradear casas. Quando mudou o regime, o grito de liberdade das moradias mais humildes, como a sua, veio na forma

degrades nas janelas.

Com saudade, puxa a foto já marcada pelo tempo e olha a casa onde viveu. Passa o dedo com carinho sobre os detalhes daquela pequena construção antiga, de reboco desgastado, com a pintura ocre manchada pelas chuvas onde as duas janelas da frente são enfeitadas por barras de ferro verticais.

Deste tempo vivido na República Dominicana, restam apenas as lembranças. Fortes, doloridas e impotentes. Com elas, a certeza de que é necessário continuar vivendo, ainda que às vezes sinta que morrerá de saudades.

A vinda para o Brasil não foi sua escolha. Foi empurrada pelas circunstâncias. Primeiro o assassinato de Dalvin lhe tirou o chão. Alguns anos depois, o terremoto destruiu sua casa.

Nada mais restava a não ser tentar uma vida nova. Precisava dar um jeito de trabalhar e ajudar a família. Acostumada a lutar pela sobrevivência desde a infância, buscou o caminho que lhe pareceu mais lógico e decidiu vir para o Brasil.

Falava-se que nesse país todos conseguiam emprego e que ali os pobres tinham a chance de uma vida mais feliz e próspera. Juntou-se a um grupo de haitianos, e embarcou no avião de Santo Domingo para o Panamá. De lá, muitas horas e dias depois, sacolejando em ônibus e caronas, chegou a Quito, Lima e por fim Brasileira. Foram dois meses de desconforto, fome e incertezas, mas finalmente chegava ao seu destino.

Desde o início da viagem, Jardel, um haitiano comprido, e com olhar aveludado e irrequieto foi se achegando. Ajudava a carregar sua pequena sacola de roupas, dividia com ela a comida que conseguiam no caminho, e fazia graça alegrando os momentos difíceis. Por comodidade, medo ou solidão, ela foi aceitando sua proximidade. Quando chegaram ao serviço de imigração brasileira, já era um casal. Devagarinho ele havia se incluído em sua vida e ela não questionou. Não o amava, mas era bom ter um homem por perto, que lhe protegesse.

Sabia que ninguém substituiria Dalvin. Lembra com tristeza o dia em que ele não voltou para casa. Soube depois que havia sido preso e espancado até a morte.

Na chegada ao Brasil, tudo era novidade e parecia promissor. Mudou-se com Jardel para São Paulo e logo arranjam emprego. Ela de faxineira e ele de auxiliar de pedreiro. Alugaram uma pequena casa, compraram fogão, geladeira, mesa e uma cama de casal. Aos domingos, após o culto evangélico, passeavam felizes na bicicleta de segunda mão. Emely rezava todas as noites para que Nossa Senhora das Mercês lhe ajudasse a comprar uma casa aonde as águas do rio não chegassem em época de chuva.

O que restava do salário após pagar o aluguel e a comida não era muito. O dinheiro que sobrava, era dividido entre a República Dominicana e uma poupança.

Os anos foram passando e Emely cansou de esperar o bebê, que mês a mês era frustrado pela menstruação. Em uma tarde onde o vazio silencioso da casa tornou-se insuportável, Emely decidiu. Iria fazer uma inseminação artificial.

Causou estranheza, naquela clínica clara, frequentada por pessoas brancas, a negra decidida a gastar até seu último centavo para tentar um filho. Mais estranheza ainda quando ela exigiu:

_Quero um doador loiro de olhos azuis. Se Nossa Senhora das Mercês ajudar, meu filho nascerá branco.

Triste ilusão. O embrião não vingou.

Emely e Jardel já está há dez anos no Brasil e a casa nunca foi comprada. Pessoa negra não tem direito a sonhar, pensa ela. Onde estivesse a maldição de sua cor lhe acompanharia.

Nas ruas, é estranho o medo que as pessoas brancas demonstram sentir deles, principalmente à noite, quando trocam de calçada, guardamos celulares ou caminham mais depressa.

Emely já não sonha, trabalha. Enquanto vai limpando, cantarola uma bachata e pensa com saudade nas grades das janelas das casas de sua terra.



Fotografia de Gertrudes Siebeneichler
para o conto "Fecha a Matraca"

Fecha a Matraca

Maria Luiza Scolari

Minha desgraça foi a matraca, ou não? Só sei que foi também por causa dela que precisei ir embora sem recuperar as vergonhas que joguei na minha família.

Se pudesse voltar no tempo, mudava meu rumo. Pelo menos tentava evitar a confusão que se armou. Só que tempo não tem costas, só tem frente.

Meu pai era o melhor matraqueiro da cidade. Comandava orgulhoso, empinando o peito magro, a procissão na noite de sexta-feira santa, puxando o ritmo das outras que replicavam o toque fúnebre, ou longe, ou perto, juntando o povo no pé da ponte encoberta que era o orgulho da cidade, as bordas do telhado retalhadas e entalhadas por artistas que de geração em geração havia deixado marcas da nossa história. Era o lugar combinado dos homens para o começo da cerimônia, onde o barulho da matraca se misturava com as batidas das pisadas de protesto, no chão de madeira, e saía vitoriosa.

Ultrapassada a ponte, aí sim, principiava a caminhada que marcava os passos sofridos do sacrifício pela via do calvário.

Era festa solene, dia importante, todos participavam; meu pai vestia a bata roxa e andava na frente, ao lado do padre todo em vestes de celebração, no comando da procissão.

Minha mãe ia logo atrás, em posto de importância, puxando a reza.

No chamado da matraca as mulheres, desentocando, iam chegando das casas escurecidas, vestidas de luto, segurando velas acesas dentro de vidros altos, com os filhos vindos à fila, por trás. Todos percorriam rezando os catorze pontos da via sacra espalhados na frente das casas sorteadas da cidade.

Catorze moradas tinham, na ocasião, uma estação como a representação do padecimento de Cristo, entalhada numa placa de madeira, colocada no alto da porta da frente. Uma lamparina iluminava e abençoava o sofrimento do filho de Deus por nós. Todo ano o frei sorteava na quarta-feira de cinzas as casas onde iam ficar as placas durante os quarenta dias. Eu ajudava no sorteio de papel, tirando do saquinho azul da coleta o número da casa.

Mas o dia do percurso era de sacrifício, dia de não comer carne, de quase nem comer; dia de respeito e olho no chão, dia de silêncios.

Não era dia de brincadeira nem de risadagem.

Deu-se que um tempo, meu pai me achando já com idade e querendo prevenir uma sucessão, resolveu me ensinar o ofício. A batida matraqueira, que só ele sabia fazer, num segredo de família.

Garantia-me um posto de orgulho pra toda a vida, e não perdia o seu.

No dia de meu aniversário dos treze anos, e sendo que eu já ajudava na missa, me deu de presente, feita por ele, em madeira de pau d' arco, com duas travas, uma de cada lado, a matraca mais bonita que eu já vi.

O pai fez a entrega com cerimônia: levou-me no lugar de ver o céu encontrar a terra. Era o lugar de ele tomar suas decisões. O lugar da verdade, o lugar mais alto da cidade, de onde se deslumbrava o infinito, ele dizia, vaidoso, da palavra que frei Tito ensinara.

De lá, por debaixo do pé de timbaúba, se podia avistar todo o clarão do vale. Falava com concentração:

— Olhe bem meu filho, ali onde a terra engole o sol, quando ouve inverdades, o sol se derrama em sangue, empapa e estraga o chão do mentiroso; por onde ele andar vai deixar sua marca. Eu vivia controlando a sola do meu pé, por conta das moedas que catava na bolsada mãe, pra comprar figurinha de álbum.

Sempre que precisava dar um ensinamento, resolver um desacerto, um perrengue, era lá o lugar, debaixo da Timbaúba. Naquele dia, me levou de mão e entregou sem jeito o embrulho que levava; esperou que eu abrisse e me maravilhasse da surpresa. Falou com a esperança atravessada de pai:

— Promete meu filho que vai honrar essa matraca?

Não podia me acreditar de tanta felicidade. Era minha!

Nessa hora eu jurei. E foi erro também, porque menino tem palavra fraca e não sabe das vontades de homem, que são mais fortes que as juras.

Nossa cidade na verdade, era só um povoado no topo dum morro, com umas tantas casas arrodando a praça. A igreja branca, no mando, olhando todas, brancas também.

Éramos respeitosos das leis de Deus e na sexta-feira santa, no costume, o padre amarrava o sino em sinal de reverência, cuidado. A bem dizer, já fazia uns dois anos que ele pedia que eu amarrasse. Deus o livre que o sino tocasse num dia daquele, seria um fim de mundo, uma chuva de desgraças, nunca mais que a cidade se aprumava.

Já passava a corda e amarrava o badalo prum lado, com o sino junto, na noite de quinta depois da janta, pra amanhecer emudecido, no respeito, sem susto.

Frei Tito, homem bom, santo mesmo, tinha vindo lá das bandas de Pernambuco, escapando das ideias diferentes de governança fardada de outros tempos, já estava ido à idade; a batina já sobrando nas mangas e na cintura. Percebendo meu encorpamento, iam me passando uns ofícios de mais força. Discursador era muito lido também; emprestava-me uns livros, e eu gostava de ler. O padre falava coisas da injustiça social e da luta que tinha jogado ele nessa lonjura. Eu ficava escondido na torre da igreja pra ler sem meu pai saber. Em dia de abuso por falta de dinheiro ele dizia:

— Esse padre é comunista!

Levei uns tantos livros pra lá. Organizado num cobertor de doação que o frei me arrumou, a torre virou, assim, um quarto- esconderijo.

Naquele ano, dono de minha matraca e em posto de vice me empinou todo imitando o pai, cresci um tanto; até me apareceu um buço. Vó Dininha me fez a bata roxa; fiz muitas experimentações, escondidas, no espelho de seu quarto de costura, já costurando um pensamento da Ritinha me olhar com jeito.

Não tinha moça mais bonita e cobiçada, mas se desviava quando me via e eu ficava sem entender se por medo ou falta de gosto. Mas agora, eu com posto, havia de me olhar com acerto.

Filha de dona Jesuina, que fazia, em seu silêncio, umas broas e uns acarajés com peixinho dentro, pra distribuir no sábado de aleluia depois da festa do fogo novo. Já o pai, seu Irvino, cabra-macho muito sério, era quem batia as pedras uma na outra, até fazer fagulha acender o fogo e atear a fogueira, comemoração da volta do filho de Deus; tinha fama de jagunço brabo. Sempre conseguia acender, era homem parrudo.

Frei Tito benzia a fogueira e a festa começava com o sino tocando e o povo comendo as broas, os acarajés. Eu era o tocado oficial, o sineiro, sabia muitos toques: os de alegria e os de tristeza.

Naquele ano a festa ficou estragada, a culpa foi minha e ninguém nunca vai me perdoar. Porque tem coisa que não tem perdão mesmo, só a desmemória do tempo é que apaga. Anoitecia na sexta-feira, eu ia saindo quieto, com a cabeça abaixada no pátio da igreja, já com tudo preparado lá dentro: os santos e o altar tudo ainda bem coberto com pano roxo. Só tirava as coberturas. No domingo de manhã. Ia pra casa colocar minha bata, pegar a matraca e me organizar com o pai pra puxar, pela primeira vez, a procissão do lado dele.

Não sei como foi que tão distraído, ali, bem na saída, dei um esbarrão em alguém e quando procurei ver quem era meu olho se embebeu no de Ritinha e o dela no meu. Não conseguia falar nada..., o coração virado em matraca dentro do peito perdeu a noção, o pensamento do certo... Na hora, virei só pensador, peguei sua mão que ficou na minha e corremos assim, endoidados, pra dentro da igreja. Não sei como foi, como que não foi nossas bocas se acharam e nos escoramos na parede da escada que subia pra torre.

Quando ouvimos o pigarro do frei Tito na sacristia, disparamos escada acima até chegar ao meu esconderijo do lado do sino, e nos abraçamos afobados, rolando no meu cobertor; à noite descendo, começamos a ouvir o som das matracas e das rezas. Mas nenhum chamado era maior do que o de nossas bocas se colando e dos corpos se misturando e se enrolando no cobertor. Também não sei como foi, mas a ponta da corda que amarrava o sino, se enroscou conosco e liberou o badalo, o sino, que uma vez soltos, livres, começaram a festejar enlouquecidos, estilhaçando o silêncio em cacos de imprecações que, misturados entre seus soares, voavam pelo ar e chegavam aos nossos ouvidos como ameaças. As matracas caladas, emudecidas.

No susto ensurdecido do pecado, Ritinha com o medo escorrendo pelos olhos, se recompôs, arrumou a roupa e disparou escada abaixo, sumindo no escuro da noite. Eu fiquei ali sentado, zuretado por um tempo, atinando com meu crime que por si só, era que nem mentira já via o sangue do sol sujando meu caminho pra sempre, e o desgosto de meu pai, de minha mãe, de vó Dininha.

Despertei do susto, apressado, no afôgo, ainda com as calças arreadas, segurei firme o badalo e estava passando a corda por ele e pelo sino quando Frei Tito chegou esbaforido, branco de culpa.

Quando me viu todo desarrumado, o cobertor revirado ajudou a terminar a amarração, foi entendendo logo que o acontecido era de homem e de pecado.

— Que despropério foi esse rapaz? Que irresponsabilidade! Se arrume ligeiro que o povo, seu pai está tudo na sua busca.

Parou um instante desalentado; ficou estaqueado me olhando, com desgosto na boca espremida e carinho despencando dos olhos. Considerou... sacudiu a cabeça um tanto, e mandou:

— Vá se acoitar no meu quarto, lá ninguém tem coragem de entrar. Vou lá fora ver se arrumo esse desmantelo.

Musmudo, não tinha o que explicar, esgueirou-me para o quartinho do frei e fiquei de perna junta, sentado na cadeira frente à sua cama, olhando para o crucifixo em cima, afogado em reza e pedido de perdão.

Num lado do quarto caiado, entre a janela de grade e o armário antigo, tinha um quadro, gravura de S. Francisco de Assis, com um genuflexório na frente. Ajoelhei e pedi ajuda para o santo, que eu conhecia a história, e sabia que ele podia me entender, também tinha pecado.

Quando o padre chegou passando a mão na testa pra arrumar o cabelo pra trás, ainda estava ali, ajoelhado. Olhei e vi seu jeito aborrecido.

— Ah meu filho, que confusão você me arrumou! Trouxe uma trouxinha de roupa que sua vó me entregou e sua matraca. Amanhã bem cedo vou lhe levar pra paróquia de meu amigo Simão. Já tá avisado.

Busquei meu cobertor e dormi ali, no chão, do lado do meu protetor.

Acordamos antes do galo e embarquei quieto no jipe da igreja. O padre me entregou uma caneca de café e uma broa de dona Jesuina— fechei os olhos e lembrei o calor da Ritinha enrolada comigo—

Pra pobre e caminhadiço, todo lugar que precisa ir de carro é longe e dá tempo pra pensamento vadio: ter deixado meu povo assustado com medo de maldição, desgostado as esperanças de meu pai, minha mãe, dá nó nos sentimentos. Ritinha precisava ir para o esquecimento.

Segurava com remorso a matraca no meu colo. O silêncio de frei Tito era por si uma condenação; eu nem tinha coragem de perguntar, com medo da reprimenda. Íamos os dois quietinhos, cada um com seus atropelos. Olhava as casas de meu povo ficando pra trás, já com saudade; a casa de meus pais, a igreja, a praça, a timbaúba, tudo. Sentia como se estivesse morrendo pra tudo aquilo, sabia que não ia voltar.

Lá pelas muitas rodanças, passando por tanto sobe e desce de estrada, pelo vale, antes de esbarrar no horizonte, o padre mudou o caminho. Depois de um tanto de pensamento, limpou seu pigarro, e disse o que eu não esperava:

Vou sentir muita falta de você.

Olhei para o seu rosto sempre tão sério, as mãos estavam firmes segurando o volante do jipe, ele não olhou pra mim. Na surpresa, vi uma lágrima escorrendo de seus olhos, percorrendo sua velhice. Um monte de guardadas, que eu nem sabia que tinha se soltaram e começaram a escorrer pelo meu rosto também. Não conversamos a gente não conhecia o que dizer, nem carecia. Cheguei mais perto, soltei a matraca nos meus pés e coloquei a mão no seu ombro. E foi assim que atravessamos mais um monte até avistar uma cidade maior que a nossa, bem maior, cheia de ruas e casas.

Passando por placas e casas transparentes mostrando bonecos vestidos com roupas, alcançamos uma praça grande com a igreja lá no fundo, num topo. Frei Tito, conhecedor do lugar, volteou a igreja e parou o jipe num pátio nos fundos e buzinou duas vezes. Logo saiu de uma porta, um padre gordo, de sorriso amigo, deu um abraço grande em frei Tito que foi logo me apresentando:

—Esse é o Vila, o rapaz que lhe falei Simão, ele vai lhe ajudar. É trabalhador, gosta de leitura e é sineiro.

O padre me olhou no jeito, os sapatos ao boné e concordou se rindo com as mãos cruzadas por cima da barriga sacudida:

—É um rapaz forte, vai fazer sucesso com as garotas. Viu a matraca na minha mão:

—Vai poder vender algodão doce nas festas da praça. Amanhã é domingo, já pode começar. Frei Tito, antes de embarcar de volta, depois de um abraço perdido, ainda disse.

— Aqui nesta cidade não tem a tradição de matraquear na procissão, vendedor de algodão doce é que usa matraca pra alertar o povo. O padre vai lhe ensinar as diferenças.

Esperei até o jipe sumir no longe, e segui frei Simão que ia me mostrando a sacristia, a capela, a cozinha. Antes de chegar ao quarto onde eu ia ficar me senti conformado quando perdi os olhos numa saleta, com uma parede forrada de livros até o teto. Com tanto livro, o padre havia de ser boa gente. Com sorte, era comunista também.



Fotografia de Sabrina Gesser
para o conto "O encontro"

O encontro

Bruno O. S. daSilva

Meus pais haviam me mandado comprar pães para o café, então foi que fiz.

Fui até a padaria mais próxima para fazer meu pedido. Chegando lá vi uma senhora passando mal e muitas pessoas ao redor dela, em meio aquela multidão, um senhor idoso se aproxima e a auxiliou em seu estado.

Após o ocorrido tomei coragem para falar com ele. Dirigi-me ao homem e perguntei como ele sabia o diagnóstico da moça. Com um sorriso no rosto ele me respondeu:

- É que sou um médico aposentado da marinha.

Eu muito impressionado com isso perguntei sobre como era na marinha, ele me contou uma história que tinha duas versões, uma era o que tinha realmente acontecido outra a que ele contou.

Então agora vou conta a história que me foi passada:

“Há muito anos atrás”, quando ainda estava na marinha, fizemos uma expedição para o meio do Atlântico Sul, pois haviam ocorrido vários desaparecimentos naquela área, quando chegamos no local indicado, ficamos extremamente aterrorizados com aquela visão, muitos navios com manchas de sangue e com cadáveres, logo de cara pensamos que era um território de canibais ou de assassinos em série, a última coisa que esperávamos era que fosse aquelas coisa, em meio a todos aqueles horrores, ouvimos vozes nos chamando, fomos até ela com cautela quando chegamos eram pessoas quase se afogando, corremos para ajudá-los, depois de trazê-los a bordo um deles perguntou se sabíamos nadar, quando fui responder fui atacado por eles que já não era mais humano.

Aqueles olhos brilhando em meio à neblina, escamas por todo corpo, dentes tão afiados que poderiam destruir um submarino sem problemas, as garras também muito afiadas que poderiam cortar aço como se fosse papel, por sorte conseguimos fazer com que eles saíssem do navio, nesta hora demos meia volta e nunca mais ousamos voltar.

“Em nossos relatórios dissemos que era um cemitério de navios, desde aquele dia nós paramos de ir para muito longe da costa”.

Quando ia fazer a pergunta sobre o que eram aqueles seres, a moça que anota os pedidos falou próximo.

Então fiz meu pedido quando olhei para ele novamente, seus olhos estavam com o mesmo brilho que ele havia me comentado então o homem me disse:

- Lembre-se garoto, se pedirem para ir a um cemitério de navios, não vá. Vai saber o que tem lá... Mais uma coisa, eu disse que saí, nunca disse que foi sozinho.

Peguei meus pães e voltei para casa muito assustado e curioso, pesquisei sobre esse médico aposentado da marinha, descobri que ele havia morrido há 15 anos.

Cuidem-se no mar, vai saber que o que tem por aí não é mesmo?



Fotografia de Gertrudes Siebeneichler
para o conto "Por dentro dos Contos Oníricos"

Por dentro dos Contos Oníricos

Mariana Ferret

Nos meus sonhos mais profundos, sou tudo que nasci para ser.

Fazia muitos anos que eu não parava para escrever algo livre, que expressasse a minha alma, a minha essência. Durante o período de reclusão e passando um tempo sozinho pude olhar para mim e voltar a vivenciar coisas que me fazem bem e, além da pintura e da dança, a escrita tomou conta de mim, me abraçou por completo. Após sonhos recorrentes, num papo descontraído surgiu a vontade de colocar no papel essas ideias oníricas e incentivada pela pessoa que compôs meu sonho, comecei a escrever e fluiu. As palavras brotaram, a inspiração inundou meus dias, os sonhos foram surgindo cada vez mais e o anseio de escrever arrebatou o meu ser.

Peguei meu caderno, lápis, borracha e comecei a escrever sobre meus sonhos, meus desejos, meus devaneios. Será que algum dia irei deixar alguém ler? Esse primeiro conto levou menos de uma semana para ser colocado no papel e a escrita me deu um extremo prazer. Digitei cada palavra com cuidado, lapidando o texto, pude reviver e sentir cada sensação descrita por mim, muito excitante, será que se alguém ler vai se excitar também?

Contei para algumas pessoas que tinha escrito um conto, uns se espantaram, outros não deram bola, mas teve muita gente que se interessou e pediu para ler. Para uma grande amiga eu o entreguei primeiro, estava insegura e com receio dela não gostar, sabia que ela não teria preconceito com o conteúdo escrito por mim e seria sincera diante de toda sua experiência como atriz, diretora e professora de teatro. Passaram alguns dias até ela ter tempo para ler e me procurar para falar do assunto, eu estava nervosa e para minha surpresa ela chegou dizendo: “Quando vais escrever o próximo?”. Meu coração palpitou forte. Ela sugeriu a mudança de alguns tempos verbais e me auxiliou na correção do texto.

A partir desse incentivo busquei escrever mais, aproveitando meu tempo livre entre ensaios de dança, meu trabalho e minhas pinturas. Tudo está conectado e se completa, a escrita é mais uma forma de externar o que pertence a mim. E logo os sonhos trouxeram mais ideias e mais desejos, outros dois contos foram planejados, e mais lentamente (desta vez), e escritos com a mesma intensidade e fervor do primeiro.

Vou fazer um livro? Será que alguém vai comprar? Sei lá, mas está bom escrever, gosto de ler depois, isso também me dá prazer. Fiz um desenho, uma provável capa do provável livro. Uma mulher nua, de costas, cabelos de fogo, braços estendidos ao céu venerando as fases da lua, ela está rodeada de flores. A linguagem é similar aos quadros que pinto. Também tem poesia e muito desejo, é para lá que eu, os sonhos e a imaginação me levam.

Meses depois, destino ou não, me reaproximei de uma amiga de adolescência que escreve na linha em que eu me aventurei, é estudiosa do assunto e já publicou um livro na linha do erotismo. Ela demonstrou muito interesse em conhecer meu trabalho, novamente criei coragem e enviei a ela meu primeiro conto. No dia seguinte acordei com um áudio dela de mais de sete minutos com um feedback incrível, muito melhor que eu podia esperar, foi emocionante, ela me contou como o meu texto a impactou. Depois disso dialogamos diversas vezes sobre nossa escrita, lemos nossos textos e compartilhamos algumas ideias.

Comecei a ficar mais confiante e estou decidida a escrever o último conto do meu primeiro livro, ainda insegura, porém acreditando mais em mim. Tenho conseguido compartilhar a minha escrita com outras pessoas, e essa troca está sendo muito interessante. Agora falta pouco para terminar a escrita, o segundo conto está sendo revisado por uma pessoa da área de letras, tenho uma produtora cultural me orientando e acreditando no meu trabalho e um designer gráfico para me auxiliar nos layouts do livro. Ainda preciso de uma editora e outras coisinhas mais, mas a pergunta agora é: Estou pronta para que todos possam conhecer a mim, Freyre Le Fey?

Freyre Le Fey
Escritora



Fotografia de Lauanda Aracy Goulart
para o conto "Prato do dia"

Prato do dia

Sabrina Gesser

Coração de mãe é o único que pode ser dilacerado com carinho. Digo isso por experiência própria. Fico na dúvida sobre quem é o açougueiro cruel que insiste em despedaçar meu coração, dia após dia. Às vezes penso que sou eu, noutras penso que o tal açougueiro pode ser meus filhos. Mas não importa. O que realmente importa é: por que a carne fresca sou eu? Não nasci para ser sacrifício.

–Mãe, porque você é tão insuportável?

– Como você pode ter a coragem e o sangue frio para falar isso na minha cara João? Te carreguei nove meses no meu ventre, te criei com todo o amor e carinho, tudo do bom e do melhor, e é isso que eu mereço ouvir agora?

–Mãe, o João está nervoso, ele não quis dizer isso...

–Cala a boca Miguel! De novo você se metendo. Não está cansado de ser o bebezinho da mamãe, não? O preferido em tudo!

Eu o preferido? Eu? Sabia que toda a ladainha que nossa mãe te diz sempre que pode... sim essa mesma “dos nove meses”, “do amor e do carinho” e “do bom e do melhor”... eu nunca ouvi! Ela nunca disse para mim as coisas que diz para você! Ela nunca lutou por mim como luta por você!

Acho que eu nunca vi meus filhos brigarem entre si. Se um dia aconteceu, foi longe da minha vista. Ver Miguel e João com essas expressões tão feias, olhando um para o outro com todo esse ódio, é como ler a bíblia, na parte em que Caim mata Abel. Uma história previsível. Já eu, parecia mais como Abraão, oferecendo meus filhos à morte no topo da montanha; será que o anjo de Deus também os salvará no último minuto? Uma história nada previsível.

Naquele mesmo instante, um portal se abre entre os corpos dos meus dois filhos. Tenho a visão clara da imagem de Deus. É uma mulher de cabelos longos, com um arco de gérberas vermelhas nos cabelos. A imagem aponta para mim e sorri. Ao fundo, Adoniran Barbosa canta nos meus ouvidos, *Saudosa maloca, maloca querida /dim-dim donde nós passemos dias feliz da nossa vida...*

–Mãe! Mãe! Você está bem?

– Miguel?

– João desliga essa música! Não está vendo que mamãe desmaiou? Onde já se viu? Samba numa hora dessas!

Assim que João arranca da tomada meu precioso aparelho de som cor-de-rosa, sem nenhum cuidado, sem nenhum respeito com a Maloca de Adoniran, eu sinto um arrepio súbito, desde o joelho até a boca do estômago.

–Por favor, João, tenha cuidado com meu aparelho de som...

Às vezes meu cérebro pensa na direção contrária do que eu sinto. Definitivamente não sei por que isso acontece, mas acontece, e muito rápido.

– Onde está Andreia?

– Mãe, ela saiu correndo não lembra? Assim que...

–Assim que eu fui ríspido com a senhora. Perdão mãe.

–Não se preocupe João. Você sempre foi um caso perdido.

É nessas horas que eu visto minha roupa de açougueiro e começo a picotar a carne do meu destino. Se João fosse capaz de demonstrar seus sentimentos tão facilmente quanto Miguel, já estaria nadando em pranto. Não é à toa que é Miguel, o primeiro a me largar no chão depois da minha declaração desmedida contra João – meu mais querido e amado filho.

–Mano, a mãe está nervosa, ela não quis dizer isso...

– Me larga Miguel! E não ouse vir atrás de mim.

Ver João correndo porta a fora, por minha culpa – minha tão grande culpa –, não é tarefa fácil. Eu não tenho mais forças para lutar. Jamais pensei que desmaiaria de olhos abertos na vida, e cá estou buscando refúgio num desmaio – em algum lugar fora daqui.

Penso que só as mães podem sentir o verdadeiro amor e o verdadeiro ódio. Só elas conseguem gestacionar por tanto tempo o sofrimento. E só elas são capazes de entender que o sofrimento nada mais é do que a negação da realidade.

Sou mãe há 32 anos e posso dizer que tive várias gestações de sofrimento ao longo da maternidade. Gestaciono mágoas desde antes do nascimento do meu primeiro filho, João. Acho que foi Miguel quem recebeu o carinho.

O primeiro filho revoluciona a vida de qualquer mulher. Depois dele, o adjetivo “mulher” se transforma em “mãe” e assim será para sempre, mesmo que seu filho morra antes dela.

Por toda minha vida, desde a época em que morava em minha doce e saudosa Campinas, sonhei em ser chef de cozinha. É por isso que hoje tenho meu próprio “restaurante” de comida caseira, mesmo sem jamais ter estudado culinária – meu grande sonho de infância.

Não posso colocar em palavras a dedicação com a qual preparei o jantar que está esfriando a mesa. Sinto o cheiro do frango assado, que preparei do mesmo jeito que minha avó preparava aos domingos, mesmo hoje sendo quinta-feira. Fiz aquela maionese de batata inglesa que João tanto adora e de sobremesa aquele rocambole de amendoim preferido de Miguel.

Nunca tinha cozinhado nada de especial para Andreia antes – pois não acho que ela seja muito digna de João – mas pensei que hoje poderia ser um jantar de união e fraternidade, então resolvi fazer pirão branco, apesar de não combinar com as demais receitas servidas.

Para Larissa, sim! Para ela eu gostava de cozinhar. Ô mulher que sabia dar um elogio à boa comida. Mas Miguel, como de costume, a trocou por qualquer vagabunda de esquina e levou Larissa de mim. Sinto a dor do divórcio ainda hoje, mesmo depois de dois anos.

Mas cá estou eu. Desmaiada de olhos abertos, em plena sala de jantar. Mesa posta, receitas deliciosas e, de novo, família desunida. Ouço um pequeno zumbido vindo de longe... O que é? Será que são moscas que estão vindo para pôr seus ovos em minha comida?

Por um breve momento desejei nunca ter aprendido a cozinhar, assim jamais teria saído de Campinas. Desejei, por um instante, ser uma pessoa que estivesse apenas preocupada em nascer e morrer, e nada mais.

Mas quando decido me erguer, já estou de pé. O pensar e o fazer muitas vezes se misturam dentro de mim.

Ao me levantar do chão, arrumo meus cabelos e meu vestido, que está um pouco torto. Vou em direção à porta, fecho-a. Não, não vou conjecturar para onde foi João e sequer me interessar se Miguel conseguiu alcançá-lo. Já estou cansada de ser mãe. Quero voltar a ser mulher.

O aparelho de som cor-de-rosa é meu xodó. Para onde vou, levo-o comigo. Tenho uma coleção de CDs imensa. Quando meu coração está em pedaços, como agora, existe apenas uma voz que me permito ouvir: Elis Regina.

Vejo-me na transversal do tempo, assim como ela se viu um dia. Um tempo entre mulher, mãe e ser humano.

Coloco meu aparelho de som em cima da privada, pois é o único lugar que resta no meu banheiro. Entro no chuveiro apertado ao som de “Atrás da Porta”. Depois de um dia difícil – apesar de nada extraordinário – como este de hoje, não entendo por que me culpo por minhas lágrimas. A correnteza do chuveiro ameniza o trânsito do meu choro desesperado. Queria ter um tapete atrás da porta, para poder reclamar baixinho, maldizer meus filhos e sentir que ainda sou a mãe deles.

Por que eu resolvi pedir um neto para Andreia? Depois de tantas vezes que discutimos este assunto, tantas brigas e as milhares de vezes que a vi chorando por conta de sua infertilidade, como pude tocar neste assunto de novo? É claro que João não perdoaria esse deslize. Ele nunca perdoa.

O sonho de qualquer mãe é ter um filho perfeito. Será que os filhos nunca vão entender como é difícil para uma mãe aceitar a realidade do tipo de filho que tem?

Lembro-me das vezes em que eu brincava com minhas bonecas. Eu era a chef de um restaurante de comida ucraniana e minhas bonecas eram minhas clientes. Para cada uma eu fazia um prato diferente, porém todos eram de receitas típicas da Ucrânia.

Lembro que meu tio falava muito de uma viagem que fez para a Ucrânia e de como ele voltou um novo homem depois de ter morado alguns meses naquele incrível país. E cá estou eu hoje, lembrando que nunca comi ou cozinhei comida ucraniana; que nunca fui mãe de minhas bonecas; e que sofro por não aceitar os filhos que tenho.

Quando saio do banho, Elis Regina já está entoando “Maria, Maria”, mas isso só me faz lembrar “Madalena” – do quanto sou Madalena e do pouco que sou Maria.

Já vestida, dou início a um pequeno ritual de passagem. Admiro de forma demorada, meu reflexo no espelhinho do banheiro. Apesar de embaçada, vejo a imagem de uma mulher, mas quem é ela? Não dá para acreditar de primeira que essa aí sou eu.

Lembro-me de quando eu era criança e adorava brincar com bolhas de sabão. Eu assoprava as bolhas, elas flutuavam no ar por um breve tempo e então, por algum motivo que até hoje desconheço, elas estouravam sozinhas. Sou como uma dessas bolhas. Preciso me olhar no espelho, saber quem eu sou, antes que eu estoure sozinha e me acabe de vez.

Tenho cabelos longos, mas nunca tive o costume de deixá-los soltos. Por algum motivo estranho, que realmente não lembro ao certo agora, eu resolvi muitos anos atrás, usar meu cabelo amarrado. Mas daqui em diante será diferente. Quero meus cabelos soltos.

Agora, dissipado o vapor do banho e com minha imagem mais nítida refletida no espelhinho do banheiro, eu brinco com meus cabelos vastos e compridos. Eles são tão longos assim? Que surpresa reconhecê-los, acariciá-los e, verdadeiramente, senti-los por entre meus dedos.

E é assim, com os cabelos soltos – em sinal de nascimento do meu novo “eu” – que começo o ritual de morte na sala de jantar.

Aquele frango assado, outrora tão apetitoso, foi parar na lixeira, assim como a maionese de batata inglesa, o pirão banco e o rocambole de amendoim. Por alguns segundos, fiquei admirando todo aquele trabalho culinário caído na lata de lixo. Imaginei como ele ficaria assim que apodrecesse. Pareceu-me uma visão familiar, apesar de extraordinária.

Para muitos, a podridão é uma visão horrenda. Comigo não é diferente, mas não posso negar que a imagem pairando na minha cabeça de toda aquela comida – já podre, com aspecto fedorento, alimentando famílias e mais famílias de insetos – foi reconfortante para mim. Pelo menos assim, meu trabalho não seria em vão.

Sei, contudo, que não há sujeira que não se possa limpar; não há mágoa que não se possa curar; e não há alimento que não se possa cozinhar.

É por isso que o fascínio de ver a comida que cozinhei, vivendo na lata do lixo, não dura muito. Nada comigo dura muito. Portanto, começo o ritual de limpeza.

Lavar a louça suja não combina com Elis Regina. Não sei com quem poderia combinar, mas por fim escolhi Clube da Esquina como trilha sonora para meu novo ritual de faxina. Lavo a louça, enxáguo minhas mágoas e seco minhas lágrimas.

Eu precisava de um pouco de trem azul e de sol na cabeça, mas foi o girassol da cor do meu cabelo quem me deu força. Porque Deus é mulher? E porque ela tem um arco de gérberas vermelhas ornando seus cabelos longos?

É aí que o telefone toca. Constantemente sou expulsa do paraíso das fadas e sou arremessada neste mundo chamado “realidade”.

Já sei quem está do outro lado da linha. Eu já vi este filme antes. É um filme previsível. Muito previsível.

Miguel vai me pedir desculpas por todos e eu serei uma boa mãe e direi “tudo bem meu amor, estávamos muito estressados, mas com amor tudo é curado. Somos uma família e por isso estaremos sempre juntos. Já estou preparando a lista para o almoço de domingo, o qual ainda está de pé” e então, pela milésima vez, Miguel vai concordar comigo e vai dizer que todos os planos para o almoço de domingo continuam marcados, e que João também vai comparecer, nem que ele precise arrastá-lo.

–Alô? Mãe? Sou eu o Miguel.

– Oi, filho...

– Então, estou ligando para me desculpar por tudo que aconteceu hoje. Estamos muito tristes...

– Sim, meu filho, estávamos muito estressados.

– Sim mãe, espero que você esteja bem.

– Miguel, é claro que estou bem. Nada me abala meu filho, você me conhece. Nada mesmo! O fato de meus dois filhos e minha nora saírem correndo da minha casa, sem terem provado da minha comida, me deixando desmaiada na sala de jantar com a porta da frente escancarada, não é nada que se compare com a tristeza de vocês, meus filhos. Não deve ter sido fácil para vocês ter sido criados por uma prostituta, dona de um bar que serve comida caseira, só para despistar os policiais – mesmo que secretamente são eles quem mais frequentam o meu puteiro. Sabe filho, se eu não tivesse fugido grávida de Campinas, você e seu irmão não sofreriam tudo o que estão sofrendo hoje. Mas a culpa é minha por chutar cachorro morto toda vez que tento expressar minha vontade de ser avó. A Larissa queria ser mãe, mas acho que você seguiu tão bem o meu exemplo, que para você é impossível ter uma família decente. E seu irmão, coitado, teve que carregar nas costas o fardo de ser o homem da casa, ainda mais pela quantidade de homens fajutos que já passaram por aqui. Ele poderia finalmente ter uma família descente com a Andreia, mas, vejam só! Ela é estéril! Como a vida é cruel, não é mesmo? Então, querido Miguel, amado filho, diga ao seu irmão que o almoço de domingo ainda está de pé e que de hoje em diante vocês dois terão uma nova mãe e Andreia uma nova sogra.

Não sei o que Miguel tinha a dizer sobre meu desabafo repentino, só sei que ao desligar o telefone eu estou completamente ofegante. Retornou à cozinha encontro um daqueles arames de amarrar saco de pão, e com ele prendo meus cabelos. Acho um tapete velho, atrás da porta que dá acesso à despensa, e ali me sento. E é assim, jogada na sarjeta da minha casa fria, que passo o resto do dia reclamando baixinho e maldizendo meus filhos, só para sentir que ainda sou a mãe deles.



(OS INSTANTES
DA CIDADE)

*André Soltau
Marcelo Juchem
(Org.)*